

Comboios vai virar deserto

(Posseiros, caçadores, órgãos públicos, todos contribuem para isso)

21494

A Reserva Biológica de Comboios está sendo destruída por invasores de todos os tipos, inclusive o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (Dnos) que, a pretexto de sanear um pântano, devastou uma grande extensão da floresta. Os outros são posseiros alguns, antigos moradores da região, outros, mais ricos, novos donos de uma terra de ninguém - pescadores, caçadores e comerciantes de madeira. Os dois órgãos encarregados de defender a reserva - a Secretaria de Agricultura do Estado e o Instituto Estadual de Florestas - preferem se omitir e planejam uma remarcação dos limites da reserva

que poderá significar um desastre maior para toda a região, que corre o risco de se transformar num deserto.

Um grupo do Centro Excursionista Espiritossantense viajou no início do mês pela reserva e constatou a destruição, que agora denuncia, através de um relatório entregue ao Secretário da Agricultura e ao presidente do Ief. Defensores idealistas da natureza, estes jovens ficaram impressionados com a extensão do massacre à região e - mais ainda - com a indiferença dos órgãos públicos. Aqui, o relato de sua experiência.

A Reserva Biológica de Comboios, ao norte do estado, nos municípios de Aracruz e Linhares, poderá se transformar em um novo deserto se não forem contidos a tempo a invasão de novos posseiros, o desmatamento e a pesca ilegais — que vêm sendo feitos sem que o Instituto Estadual de Florestas (IEF), o Instituto Brasileiro de Defesa Florestal (IBDF) ou a Secretaria de Estado da Agricultura, apesar de avisados, tomem quaisquer providências.

No início deste mês, um grupo voluntário do Centro Excursionista Espiritossantense — defensor da ecologia — fez uma excursão à reserva e constatou diversas irregularidades, que estão sendo denunciadas através de um relatório enviado ao sr. Cyro Ramalho, presidente do IEF e ao sr. Paulo Lemos, secretário de Agricultura do Estado. Junto ao documento, diversas fotos comprovam o desmatamento, a presença de uma draga que atravessou parte da reserva derrubando centenas de árvores, além de madeira empilhada, possivelmente para comercialização.

ravam a data. Reclamaram dos guardas florestais que estavam "apossados" perto da Barra do Riacho: "Eles estão embargando tudo. Não se pode trabalhar, queimar, roçar, pescar, caçar, não se pode fazer mais nada. Depois que a cerca que vem de Barra do Riacho estiver pronta, então, não se poderá mais fazer nada". Miguel se referia ao plano do IEF de isolar a reserva a partir daquela área, que está devastada. Também se referiu a uma antiga lenda sobre o direito de posse daquelas terras. Segundo ele:

"Aconteceu que Caboclo Bernardo resgatou a tripulação de um navio que estava a naufragar, no largo da costa, pelo que os reis do Brasil daquela época quiseram recompensá-lo. Pediu que fosse garantido a sua gente o direito de viver naquelas terras onde agora está a reserva, no que foi atendido, além de receber medalhas com as figuras dos reis daquela época".

Outros moradores, no entanto, desmentiram a presença de guardas florestais e a construção da cerca. Um deles, o sr. Alcides Barbosa, que também explora com sua família uma plantação de mandioca, disse que "não tinha tempo para

tivos da região, enquanto os outros são novos posseiros.

A região atravessada é chamada de "areião" pelos moradores: ali já restam poucas árvores, derrubadas para dar lugar a pastagens e plantações de mandioca. Alguns quilômetros ao norte, perto da estrada que liga Regência à Rodovia BR-101, acaba o "areião". Os excursionistas contaram 60 casas de construção simples, quase todas com quitungos e culturas de mandioca, abóbora, melancia e algumas fruteiras. Na fazenda do sr. Brasin, antes existia uma floresta exuberante.

Na altura da Lagoa Encantada, o grupo entrevistou-se com o sr. José Ferreira, morador há 2 meses no local. Ao avistar um carro branco atravessando a lagoa (a lagoa é rasa), um dos excursionistas ficou sabendo que pertencia ao dono de uma fazenda de criação de porcos. "É uma fazenda nova - informou José Ferreira - tem uma barraca e o dono, que é de Linhares, não fez a queixa ainda". Não ter feito a queimada significa que morava ali há bem pouco tempo.

MADEIRA E UMA DRAGA



Hilário Pasolini Junior (presidente do Centro Excursionista), Maria Auxiliadora D'Ávila, Maria Cristina Pasolini, Mário Sarcinelli Filho e Sebastião Francisco Alves formaram o grupo de Vitória que percorreu a Reserva de Comboios. Na mesma época de sua excursão, dois alunos da Escola Superior de Agronomia do Espírito Santo (Esaes), Antônio Francisco Marins de Albuquerque e Américo Tabajara, também visitaram outra parte da reserva. As informações dos dois grupos coincidiram em muitos pontos; por isso, o Centro Excursionista acrescentou ao relato de sua experiência as observações dos estudantes de agronomia.

A Reserva Biológica de Comboios é limitada ao sul pela foz do rio Comboios, na qual está a Vila de Barra do Riacho; ao norte pela foz do rio Doce, onde está o povoado de Regência. A área visitada pelo grupo de Vitória compreende uma extensão de cerca de 20 quilômetros (a extensão total da reserva é de cerca de 40 km), margeando o rio Comboios e a seguir até Regência. A excursão durou três dias.

Depois de chegar à povoação de Vila do Riacho, o grupo foi recebido pelo sr. Zacarias Vicente dos Santos, morador no local, que o orientou sobre a direção a tomar. Ali se atravessa o rio Comboios; do outro lado, ficam as terras reservas. Zacarias mora desde 1953 no lugar — muito antes da criação da reserva, que pertence ao governo estadual. Suas informações não ajudaram muito: desconhecia a presença de guardas florestais (depois o grupo saberia que para toda a área existem apenas dois guardas em atividade) e reclamou uma atenção especial do governo àquela gente que, como ele, vive ali há muito tempo. Sobre os novos posseiros, sabia apenas que existiam.

Ja em terras da reserva, o grupo, depois de pernoitar numa pequena fazenda, encontrou a família do sr. Miguel Silveira — que explora uma plantação de mandioca e um quitungo (pequeno moinho para fabricar farinha de mandioca). Miguel e seu irmão, ambos nascidos e criados na reserva, estavam preocupados com a notícia de que o governo planejava "desapossar" suas terras sem lhes dar nada em troca:

— Ouvimos uma conversa de que nos vão mandar para Pará do Belém (isto é, Belém do Pará). Mas é um lugar muito longe, tem muito bicho pra enfrentar e não nos agrada. O governo, com a força das máquinas, tem poder para formar territórios naquelas bandas. A gente, com a força do braço, não tem poder pra isto não.

Eles já sabiam que seria realizada uma reunião em Regência, com o Inbra, mas igno-

ramos a priorizar com sua única plantação de mandioca, disse que "não tinha tempo para pescar" mas que muitos pescadores de fora apareciam por lá. Estava preocupado com a notícia de que o Inbra planejava tirá-los daquele lugar:

— Até agora ninguém nos visitou para conversar sobre isso. Mas se isto acontecer, o que não queremos, então espero que dêem uma boa indenização. Já estou velho demais e não tenho forças para recomeçar a vida em outro lugar. Vejam este senhor (apontou): José Tito é também nascido e criado aqui e de tão velho já esqueceu a idade.

Curiosamente, o sr. Alcides e os 16 membros de sua família confirmaram a lenda de "Caboclo Bernardo".

Ao contrário destes pequenos lavradores, o próximo morador da reserva tem uma grande propriedade, com empregados e cerca de 30 cabeças de gado.

ZOADA NA PRAIA

O grupo não conversou com o dono da fazenda, mas com dois empregados seus: Aroldo Pinto e Paulo de Azevedo. Eles informaram que o patrão, Sr. Brasin, de Linhares, "é homem de serviço e mora aqui há 30 anos". Além da criação de gado, ele explora um pequeno armazém, que serve de intermediário no comércio de farinha de mandioca produzida pelos demais moradores.

Sobre a pesca, Paulo de Azevedo afirmou que era praticada quase todos os dias: "Quando se ouve a zoadá na praia, é que a lancha está pescando. É uma lancha grande, branca, parece que é de fora. Então nós (os moradores) já sabemos e vamos até a praia (a cerca de 2 km) e pegamos muitos sacos de peixe morto que escapa da rede e chega até a praia".

Não só a pesca dentro da reserva é ilegal — observam os excursionistas — como exatamente naquele local desova a "Tartaruga de Casco Mole", uma espécie em extinção. Se dentro da reserva não há nenhuma vigilância, na costa nem se fala. Existem ainda dúvidas sobre o limite da reserva: seriam as 200 milhas marítimas? De qualquer modo, não há nenhum controle e a tartaruga de casco mole já praticamente foi extinta.

Outra coisa que chamou a atenção do grupo foi a grande quantidade de cercas, porteiras e cancelas naquela parte da reserva situada no município de Linhares, que demonstram uma divisão de terras plenamente reconhecida. Os empregados do Sr. Brasin disseram que ali é assim mesmo: quando há algum problema de terra eles resolvem sem consultar ninguém. Há um contraste entre esta região e a situada no município de Aracruz: estes parecem ser na-

MADEIRA E UMA DRAGA

Perto da lagoa, o grupo encontrou uma grande área devastada, com grandes montes de madeira empilhada, como se estivessem à espera de transporte. Um morador explicou que aquela madeira tinha sido retirada com máquinas pertencentes ao sr. Zizico, de Linhares, mas o transporte foi embargado pelos guardas florestais.

A máquina a que se referia, o grupo tinha encontrado um pouco antes, perto da nascente do rio Comboios. Para chegar ao local, a draga tinha aberto uma grande clareira na floresta. Seguindo as marcas de pneu de um carro não identificado, o grupo encontrou dois tonéis de combustível e a draga, que não estava trabalhando decerto por ser domingo.

Um vizinho do sr. José Ferreira havia transplantado um grande número de orquídeas para umas árvores baixas à beira da estrada. "É de suspeitar - disse um excursionista - que aquelas orquídeas sejam comercializadas".

Depois de chegar a Regência, o grupo voltou de ônibus. Por coincidência, encontraram um dos guardas florestais da reserva dentro do ônibus. José Marçal disse que era o primeiro guarda florestal a chegar à reserva, há dois meses; um outro chegara há 15 dias e um terceiro viria dentro de 15 dias. Sobre seu trabalho, afirmou que o mais difícil era impedir a queima da mata. Naquele momento, estava indo para a lagoa São João, onde estão fazendo "derrubada". Estranhamente, ele não sabia nada sobre a madeira empilhada ou a draga - que teria que ter sua permissão para trabalhar na reserva.

OS LIMITES DA RESERVA

Antes de visitarem a reserva, os excursionistas conversaram com o presidente do Instituto Estadual de Florestas (IEF), Cyro Pinheiro Raimalho, que lhes disse que estava sendo construída uma cerca de 30 km de extensão para separar a parte devastada da reserva e impedir a invasão de novos posseiros. No entanto, os excursionistas não encontraram esta cerca.

Na opinião do delegado-substituto do IBDF no Espírito Santo, sr. Newton Sarmento de Amorim, a área habitada da reserva deveria ser transformada em parque florestal.

— Aquela área, que não pertence à União e sim ao governo estadual, através do IEF, não se presta mais a reserva biológica, por estar muito devastada. Poderia ser aproveitada para se fazer um parque.



O Secretário da Agricultura Paulo Lemos Barbosa surpreendeu os excursionistas, ao declarar que a reserva "não é sagrada":

— Quanto à draga que se viu operar no pântano e que atravessou a reserva, ela trabalha para o Dnos em saneamento. Não se deu autorização para transitar no local porque não é necessário, não há problema que ela atravesse a reserva. Não se pode dizer que a reserva é sagrada".

O presidente do Centro Excursionista — Hilário Pasolini — não concorda com isso. Ele e seus companheiros viram os estragos que a máquina fez, derrubando centenas de árvores. Tampouco entendem qual é a necessidade de saneamento naquela área. Sobre os limites da reserva, Hilário afirmou:

— Existe um perigo de os limites da reserva estarem sendo mudados por iniciativa dos próprios dirigentes dos órgãos encarregados de conservá-los. O Secretário de Agricultura e o presidente do IEF informaram que pretendem excluir da reserva a parte sul, próxima às confluências dos rios Comboios e Riacho, numa extensão de aproximadamente 4,5 km da extensão original da reserva. Ao norte, seria excluída da reserva uma extensão de igual área, nas proximidades da foz do rio Doce. Ora, a parte sul que se pretende excluir da reserva é aquela onde no ano passado houve exploração de areia, em grande escala, pela companhia Aracruz Celulose. Discordamos do Secretário de Agricultura, que pretende ser "realista" e cercar a parte em que ainda há alguma coisa a preservar, ou seja, onde existe mata. A mudança de limites só viria a legitimar a invasão. Uma reserva não compreende apenas áreas florestais.

No caso de Comboios, o essencial é que se conservem os seus limites naturais, que ao sul são os rios Comboios e Riacho. — Também estranhamos a declaração do Secretário de Agricultura quanto ao trabalho do DNOS, pois a draga que lá vimos está agredindo a flora, especialmente a que se desenvolve nos pântanos, como variedades da família Nymphaea. De fato, tanto no rio Comboios como nos pântanos, existe uma riquíssima vegetação aquática. Da flora, a que mais nos impressionou foram alguns gêneros de plantas herbáceas com folhas flutuantes (Nymphaea) ou plantas totalmente submersas (Cabomba), da mesma família da Victoria, ou seja, a vitória régia.

O PERIGO DO DESERTO

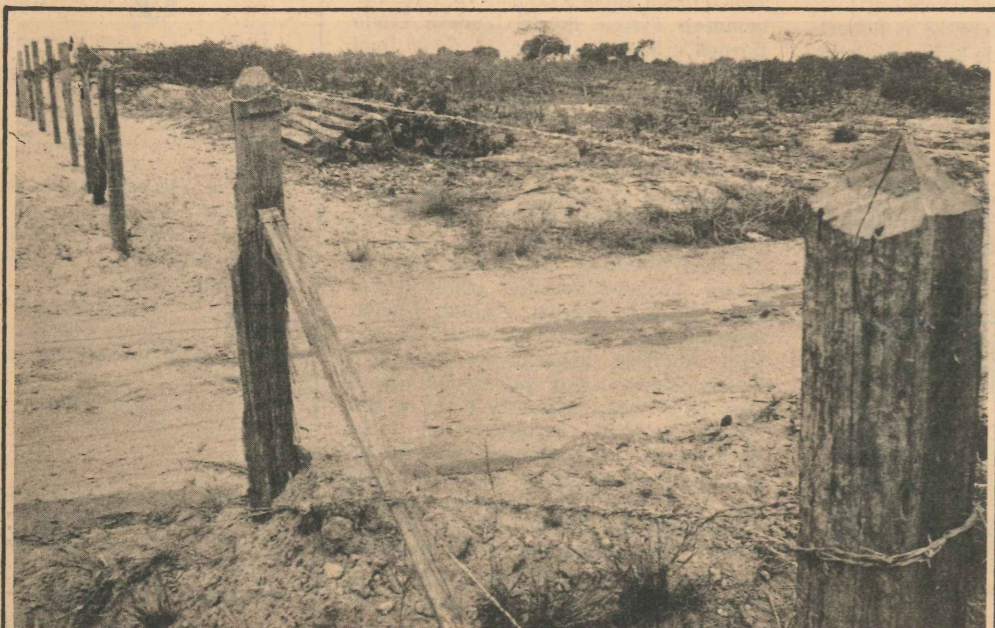
O professor Walner Casseario Botelho, do Departamento de Geo-Ciências da Ufes, confirma o temor dos excursionistas. Segundo ele, o plano de remarcar a reserva, defendido pelo Secretário de Agricultura, poderá representar uma catástrofe ecológica para a região:

— Por ser uma formação de restinga e a composição do solo basicamente arenosa, um desmatamento naquela área tenderia a formar dunas, que avançando sob a influência do vento predominante que vem do litoral, poderiam prejudicar a fertilidade das terras das regiões interiores. Ação semelhante teria acontecido na foz do rio Itaúnas.

Isso significa que o desmatamento da reserva destruiria a proteção natural da fertilidade das terras do interior. Caso os limites sejam remarcados, como pretende o Secretário de Agricultura, a ação do vento começaria a transformar a região num deserto. O que, aliás, não é novidade: o professor Augusto Ruschi já alertou para o perigo de o Espírito Santo vir a se transformar num imenso deserto, caso não seja contida a devastação.



Hilário Pasolini Junior acha que a reserva tem que ser mantida em seus limites originais, do contrário a região sofrerá uma alteração fatal para a fertilidade da terra



Os novos posseiros tratam logo de cercar suas propriedades, dentro da reserva



A draga do Dnos fotografada pelo grupo de excursionistas